

País aceita “pausa para respirar” no Mercosul, diz FHC

Sergio Leo
De Montevideu

O Brasil aceita “parar para respirar” no Mercosul, devido as crises nos países do bloco, mas as exceções a serem abertas aos compromissos dos quatro governos têm de ser “em pequeno número e provisórias”. Esse é o recado que o presidente Fernando Henrique Cardoso pretende dar aos sócios do país no Mercosul, na reunião de cúpula que começou com os ministros dos quatro países, ontem, em Montevideu. Uma reunião ameaçada pela situação na Argentina e vista com pessimismo por muitos analistas. Pessimismo que o presidente não compartilha.

Em entrevista exclusiva ao **Valor**, concedida antes do agravamento da crise argentina, o presidente comentou as pressões do Uruguai para acelerar as negociações do Mercosul com os Estados Unidos para um acordo de livre comércio entre os cinco governos e avaliou a discussão no Congresso americano sobre o “fast-track”, a permissão para que o Executivo negocie acordos comerciais. Apesar da crise argentina, FHC afirma que o país não pode abrir mão da Tarifa Externa Comum, defende a integração entre setores produtivos e declara que “a moeda comum é uma necessidade”.

Valor: O governo quer suspender compromissos no Mercosul enquanto não se resolve a crise em países do bloco? Isso seria recuar no projeto de União Aduaneira?

Fernando Henrique Cardoso: Não. O Brasil segue comprometido com a manutenção da Tarifa Externa Comum, por entender que — sem prejuízo dos avanços que serão feitos com vistas à constituição de um Mercado Comum — União Aduaneira é o formato mais vantajoso de integração para os interesses dos quatro Estados. A TEC estimula a produtividade interna, dentro dos níveis adequados para nossas economias, encoraja a alocação do investimento externo produtivo, favorece a integração entre as indústrias nacionais com vistas a ganhos de competitividade no mercado internacional e possibilita um reforço de nossos pesos específicos nas negociações internacionais. Acredito que reverter esse processo seria altamente negativo, em termos de impacto econômico e social.

Valor: O que se pretende fazer para preservar o bloco nesta reunião?

FHC: Iremos para a Reunião de Cúpula de Montevideu com esse espírito: há que se ter “paciência estratégica”, como disse recentemente pelo embaixador José Botafogo, para saber superar as atuais dificuldades. O Mercosul constitui

um projeto de longo prazo, de natureza não apenas comercial, que não pode nem deve ficar ao sabor de conjunturas adversas.

Valor: Alguns analistas afirmam que as dificuldades no Mercosul não se devem somente à crise Argentina, mas também à falta de uma moeda comum, ou à falta de maior integração entre as economias do bloco. Qual a sua opinião?

FHC: Estou de pleno acordo. Uma maior coordenação macroeconômica, com vistas à implementação de uma moeda comum na sub-região em um estágio posterior, é uma necessidade. Queremos avançar nisso, mas não podemos ignorar que a atual circunstância impede uma discussão mais aprofundada e detida.

Valor: Como resolver o problema para evitar crises semelhantes?

FHC: Não há como falar em medidas de longo prazo quando todas as atenções estão destinadas ao curto prazo. Por outro lado, acredito que uma maior integração das cadeias produtivas é igualmente relevante e fundamental para o adequado funcionamento do bloco.

Valor: Que mensagem o senhor pretende levar aos sócios do bloco?

FHC: A mensagem será de confiança no Mercosul. Sem ele, estaríamos em situação pior, com certeza. O Mercosul não é parte do problema, mas da solução. Eu fiz essa reflexão na última Cúpula do Mercosul, no Paraguai. Se o Mercosul não existisse, nós teríamos que criá-lo.

Valor: Por quê?

FHC: Temos hoje uma garantia de democracia na região. Somos um grupo de nações que reforça sua identidade. Além disso, já fizemos muito em termos de ampliação dos fluxos de comércio e de investimentos. Avançamos em regras comuns nos mais diversos setores (educação, emprego, meio ambiente, etc). E estamos promovendo também uma aproximação crescente com alguns blocos regionais, como a União Européia. Creio que o Mercosul já fez muito, e o fez em muito pouco tempo. Quanto tempo a União Européia levou para chegar ao seu atual estágio de integração?

Valor: E as dificuldades?

FHC: O importante é a maturidade política que já atingimos no Mercosul, e nós seguiremos determinados nesse rumo, independente das dificuldades e dos atropelos. Se for necessário “parar para respirar”, como é próprio de todo percurso que se faz com maior ou menor velocidade, assim faremos. Não porque queremos parar, mas porque devemos nos preparar para um salto maior.

Valor: O que o sr. quer dizer com

“parar para respirar”?

FHC: O mais importante, a esse respeito, é que as coisas têm o seu ritmo próprio, e, para quem toma decisões, é preciso saber sentir o pulso, auscultar as diversas tendências e captar o tempo certo dos passos a serem dados. Em certos momentos, o ritmo parece desacelerar-se, mas apenas para retomar com ímpeto ainda maior no momento seguinte. É sabedoria popular que a exceção, muitas vezes, confirma a regra. Isso significa que a exceção, pelo fato mesmo de ter caráter excepcional, reforça a consciência de que existe uma regra. Para isso, é preciso que as exceções e waivers sejam em pequeno número e sejam provisórias. Assim, garantiremos que no Mercosul não haverá retrocessos na integração que, ao contrário, se reforçará a integração como norma.

Valor: Não haverá mudanças nos objetivos do Mercosul?

FHC: Os objetivos do Mercosul não mudam. Vamos completar a zona de livre comércio e impulsionar a união aduaneira, que é da essência do Mercosul. Vamos prosseguir na construção do mercado comum e avançar na



Fernando Henrique: “União Aduaneira é o formato mais vantajoso de integração para os interesses dos quatro Estados”

institucionalização, na coordenação macroeconômica, na integração física, nas negociações com outros países ou blocos de países.

Valor: Há uma expectativa no Uruguai de que um dos principais assuntos em Montevideu seja o aprofundamento das discussões para o acordo 4+ 1, para um tratado de livre comércio entre o Mercosul e os Estados Unidos. O senhor apóia essa idéia?

FHC: O Brasil tem sido, desde o primeiro momento, favorável à idéia de avançarmos nas discussões do chamado “quatro mais um” com os Estados Unidos, para a obtenção de um acesso mais desimpedido de nossas exportações ao mercado daquele país. Eu tratei do tema com o Presidente George W. Bush, e continuamos

comprometidos com isso. Creemos que as discussões realizadas até o presente momento foram importantes e construtivas, mas não devemos nos enganar. As limitações para um avanço substancial nessas conversações estão presentes muito mais do lado de lá do que de cá. Uma leitura preliminar dos termos do recente “fast track” concedido pelo Congresso norte-americano ao Executivo já demonstra isso. Tenho certeza de que todos os países envolvidos no processo de conformação da ALCA terão se apercebido da complexidade que será inerente a qualquer negociação desse tipo, dentro dos novos parâmetros presentes para a diplomacia comercial norte-americana. O mesmo vale, portanto, para o “quatro mais um”.

Valor: Com o “fast track”, o governo dos Estados Unidos deve partir mais agressivamente para negociações comerciais, e parceiros do Brasil, como o Chile, que é associado ao Mercosul, estão otimistas sobre a possibilidade de firmar um acordo com os norte-americanos. O Brasil corre risco de ficar isolado, já que não aceita os termos impostos pelo Congresso para negociação?

FHC: Os termos do “fast track” aprovado pelo Congresso norte-americano não impõem dificuldades ou limitações somente para o Brasil, mas para todos os demais países que estão engajados no processo de negociação da ALCA e que possuem produtos que apresentam uma inserção competitiva no mercado dos Estados Unidos. Tenho certeza de que não estamos isolados nesse sentido.